

Diego Santos Vieira de Jesus  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

# Réquiem para dois pássaros de gelo: a coreografia da exclusão na patinação artística soviética e a construção da potência esportiva mundial

**Resumo:** O objetivo é examinar os fatores responsáveis pela construção da hegemonia dos atletas soviéticos da patinação artística de duplas e da dança no gelo nas principais competições internacionais a partir da década de 1960, bem como os efeitos dessa hegemonia na construção da imagem da União Soviética como potência esportiva mundial. O uso do desempenho dos casais em competições era um veículo para a comunicação internacional dos sucessos do regime comunista na preparação técnica de sua população. O aparato criado em torno da patinação artística de duplas e da dança no gelo na União Soviética era imbuído de um viés político heteronormativo, que naturalizava as hierarquias que situavam a mulher numa posição de dependência em relação ao homem e contribuía para a exclusão de práticas que apontavam para o questionamento da ordem patriarcal erguida pelo regime comunista.

**Palavras-chave:** esporte; relações internacionais; patinação artística no gelo; União Soviética; heteronormatividade.

Copyright © 2013 by Revista Estudos Feministas.

Desde o início da década de 1960 até seu fim, em 1991, a União Soviética destacou-se em competições internacionais de diversas modalidades esportivas. Uma das quais em que o país obteve melhores resultados em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais foi a patinação artística no gelo. Embora também tivesse uma série de destaques nas disputas individuais masculinas e femininas, a União Soviética construiu sua preponderância nas competições de duplas e na dança no gelo. A título de ilustração do desempenho das duplas soviéticas apenas nos Jogos Olímpicos, vale destacar que Oleg Protopopov e Ludmila Belousova foram medalhistas de ouro na competição de duplas nos Jogos Olímpicos de

Inverno de 1964 e 1968, e Irina Rodnina foi três vezes medalhista de ouro nos Jogos de 1972 a 1980 com dois parceiros diferentes: Alexei Ulanov e Alexander Zaitsev. Em 1984, Yelena Valova e Oleg Vassilyev repetiram o feito em Sarajevo, e Yekaterina Gordeeva e Sergei Grinkov venceram em 1988 e novamente em 1994, quando a União Soviética já tinha sido dissolvida. Na dança no gelo, o domínio soviético deu-se desde a introdução da modalidade nos Jogos Olímpicos de Inverno em 1976. Lyudmila Pakhomova e Aleksandr Gorshkov venceram naquele ano; Natalia Linichuk e Gennady Karponosov, em 1980; e Natalia Bestemianova e Andrey Bukin, em 1988.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> SPORTS REFERENCE [s.d.].

O desempenho tecnicamente elevado das duplas soviéticas justificava não apenas as altas notas atribuídas pelos juízes às suas performances, mas a admiração de uma audiência cada vez maior, em particular com as transmissões televisivas desses eventos a partir da década de 1960. Em face do maior alcance da patinação artística no gelo, abria-se a possibilidade de ampliação do uso político desse esporte<sup>2</sup> pelo governo soviético, a fim de demonstrar a eficiência do regime no preparo de seus atletas e disseminar valores nos níveis doméstico e internacional. Entre tais valores, enfoco neste trabalho aqueles que remetiam às categorias de sexo, gênero e sexualidade. A própria composição das duplas da patinação artística no gelo – um homem e uma mulher – trazia condições de possibilidade para a construção de aparatos específicos sobre a forma como o relacionamento entre ambos os sexos deveria se articular.

<sup>2</sup> Nesse caso, o termo “esporte” é utilizado em referência especificamente à patinação artística no gelo. Quando usado neste artigo num sentido mais abrangente, ele se refere à extensão de atividades físicas que abarca jogos e educação física, suas modalidades competitivas e os eventos nacionais e internacionais em que os indivíduos se engajam em tais práticas.

O objetivo central deste artigo é examinar os fatores responsáveis pela construção da hegemonia dos atletas soviéticos da patinação artística de duplas e da dança no gelo nas principais competições internacionais a partir da década de 1960 e seus efeitos na construção da imagem da União Soviética como potência esportiva mundial. O argumento central indica que, diante da ênfase nas realizações de grupo sobre as conquistas individuais e da tradição russa no balé e na dança, as autoridades políticas e esportivas da União Soviética dedicaram especial atenção à formação e ao preparo de duplas. Dentre os objetivos fundamentais dessas lideranças, cabe destacar o uso do desempenho das duplas da patinação artística no gelo em competições como um veículo poderoso para a comunicação dos sucessos do regime comunista na preparação e formação técnica de sua população e na regulação do comportamento desta. Evidenciavam-se, assim, as vantagens comparativas de seu modelo de organização social em relação às demais nações no nível internacional. Na esfera doméstica, tal esporte permitia a integração da população soviética com a organização de campeonatos nacionais e o estímulo a valores, atitudes e comportamentos na população mais jovem, como a disci-

plina, o autocontrole, a submissão às autoridades e o patriotismo. Buscava-se, assim, a construção da integridade e da coesão da sociedade soviética em torno de valores e princípios construídos com base nos interesses do Partido Comunista, e se negava a expressão de diferenças que tangenciassem tais valores.

A ênfase na imagem dos atletas da patinação artística no gelo como modelos de sucesso que carregavam os valores do regime inseria-se no contexto da busca de “modernização comunista” liderada pela Rússia sobre as demais repúblicas soviéticas e na iniciativa de “limpeza” do corpo social da União Soviética diante de uma preocupação maior com a saúde coletiva em termos também ideológicos e morais. Concebendo comportamentos homossexuais ou bissexuais como “disfunções” e naturalizando a posição objetificada da mulher, o aparato criado em torno da patinação artística de duplas e da dança no gelo na União Soviética vinha imbuído de um viés político heteronormativo, que reificava a heterossexualidade como o parâmetro de organização social, naturalizava as hierarquias que situavam a mulher numa posição de submissão e dependência em relação ao homem e contribuía para a exclusão de práticas socioculturais e políticas que apontavam para o questionamento da ordem patriarcal erguida pelo regime comunista. Nesse sentido, o desempenho das duplas soviéticas evidenciava o sucesso não somente do regime comunista na preparação de seus atletas, mas do modelo de sociedade ideal heteronormativo que se buscava cristalizar em nível nacional e retratar como ideal internacionalmente, modelo no qual há definição clara dos papéis e das relações hierárquicas entre homem e mulher.

### **O esporte e a dinâmica das relações entre homens e mulheres na União Soviética**

Em face da possibilidade de operar como uma fonte de identificação coletiva, o esporte também serviu como uma expressão da identidade nacional, o que permitiu sua utilização e manipulação visando à demonstração da superioridade ideológica de sistemas políticos ou Estados específicos, ao estímulo à competição internacional e à promoção da coesão interna em torno de interesses, valores e gostos particulares de grupos localizados. A União Soviética foi um dos Estados que mais fizeram uso político do esporte, tanto no nível doméstico como no internacional. Como apontam Gilmour e Clements,<sup>3</sup> os atletas soviéticos eram apresentados à sua própria sociedade e ao mundo com base na ideia de que a proeminência atingida por eles resultava não do talento natural de cada um, mas do treinamento sistemático oferecido pelo Estado. Dessa forma, qualquer indivíduo soviético subme-

<sup>3</sup> Julie GILMOUR e Barbara CLEMENTS, 2002, p. 210-221.

<sup>4</sup> GILMOUR e CLEMENTS, 2002, p. 212- 217.

tido a tal preparação poderia atingir resultados semelhantes ou melhores e, assim, contribuir para a exaltação da grandiosidade da União Soviética e de seu sistema político ao redor do planeta. Os heróis esportivos do país serviriam como exemplos a serem seguidos pelas gerações mais jovens. Os homens, em particular, deveriam instruir os jovens sobre os aspectos básicos da masculinidade e “comportamentos saudáveis” – como o trabalho árduo, o exercício físico e a devoção à nação – em oposição ao fumo, à bebida e ao comportamento sexual devasso. O autocontrole, o estudo, a submissão aos superiores e o patriotismo deveriam ser as características definidoras do “Novo Homem Soviético”, que gradativamente assumiu a figura paterna em maior atenção à vida doméstica. Em particular, após o relaxamento político com a queda de Joseph Stalin, os formuladores de opinião soviéticos tentavam criar uma imagem desse novo homem como “responsável”, “respeitável” e “culto”, e os esportes assumiam papel importante nessa missão. Gilmour e Clements<sup>4</sup> argumentam que os responsáveis pela propaganda do regime comunista ressaltavam que seus atletas lembravam heróis míticos da poesia épica medieval, caracterizados pela coragem e força na defesa do território russo contra inimigos externos. Em particular, após o começo da participação soviética nos Jogos Olímpicos na década de 1950, a imagem dos campeões esportivos do país passou a ser associada à dos modelos gregos antigos de beleza física e realização atlética. Em processos de construção de imagens ideais dos seus atletas masculinos, detalhes sobre problemas da vida pessoal desses homens eram omitidos – em particular alcoolismo, violência doméstica e saídas com prostitutas –, tendo em vista que fugiam ao estereótipo do “Novo Homem Soviético” que o governo tentava construir. Mesmo que não divulgassem esses detalhes para o grande público, as autoridades soviéticas mostravam-se tolerantes com atletas que tivessem um comportamento assim, desde que eles continuassem obtendo bons desempenhos.

As mulheres também deveriam trabalhar pesadamente e ser disciplinadas e responsáveis. Na própria imprensa soviética – em particular no jornal esportivo diário *Sovetskii Sport*, que era uma produção oficial do Comitê Estatal para Cultura Física e Esportes e do Conselho Central de Sindicatos de Toda a União e chegava a ter circulação diária de cinco milhões de exemplares em 1988 –, elas eram retratadas como detentoras de um dom natural, desenvolvido com trabalho duro e as recomendações de seus mentores e treinadores. O seu trabalho árduo e a confiança nos treinadores, aliados às técnicas e aos equipamentos de última geração desenvolvidos pela União Soviética, criaram as condições para que elas chegassem ao ápice no esporte. Observa-se que, como no caso dos homens, as mulheres também eram retratadas com base em

<sup>5</sup> GILMOUR e CLEMENTS, 2002.

parâmetros de heroísmo atlético diante de sua participação assídua no *establishment* esportivo soviético e de seu desenvolvimento físico e intelectual em suas especialidades a partir do treinamento e do direcionamento das autoridades. Além de servirem como exemplos de virtudes do bom comportamento, elas em geral eram retratadas pelo governo soviético como mães exemplares e esposas dedicadas.<sup>5</sup> Entretanto, ainda que o regime comunista soviético propagasse a igualdade social plena entre homem e mulher, era possível perceber a permanência de relações hierárquicas que colocavam a mulher em posições subalternas e inferiores ao homem. Mesmo quando os méritos femininos como os esportivos fossem reconhecidos, eles em geral eram manipulados para se preservar uma estrutura patriarcal e heteronormativa que submetia as mulheres a uma posição de dependência de recursos e auxílios concedidos por instituições controladas por homens.

<sup>6</sup> Victor Andrade de MELO, 2010, p. 99.

A ênfase na imagem idealizada dos esportistas homens e mulheres como modelos de sucesso que carregavam os valores do regime estava inserida na tarefa de “modernização comunista” liderada pela Rússia sobre as demais repúblicas soviéticas e na tentativa de “limpar” o corpo social da União Soviética. Como argumenta Melo,<sup>6</sup> desenvolveram-se em torno do esporte ideias de “desafio, superação, higiene, saúde” desde o terceiro quartel do século XIX ao redor do mundo, bem como técnicas corporais para a conquista de melhores resultados. Argumento neste artigo que, no caso soviético, iniciativas visando à defesa dessas ideias ligadas ao esporte eram parte de uma preocupação soviética maior com a saúde coletiva em termos ideológicos e morais, que conduziram a campanhas contra criminosos, prostitutas, alcoólatras e desabrigados. A linguagem dessas campanhas era formulada em termos de profilaxias biossociais destinadas a combater a disseminação de ideias e comportamentos que seriam considerados perniciosos ao bem-estar do Estado e da sociedade.<sup>7</sup> Os atletas homens e mulheres também carregavam consigo nas propagandas oficiais as ideias de simplicidade e fecundidade para oferecer soldados ao Estado, de forma que eram vistos como “naturalmente saudáveis” e livres da “artificialidade” do que se consideravam “doenças da civilização ocidental”, como a diversidade de orientações sexuais. Nesse sentido, mesmo que a homossexualidade masculina tivesse sido descriminalizada na Rússia de 1922 a 1934, ela continuava sendo perseguida nessa e nas demais repúblicas soviéticas – onde permanecia sendo considerada crime. A imagem dos atletas masculinos russos vinha ligada às noções de autocontrole e heterossexualidade, de forma que a “sodomia” e a “pederastia” representavam problemas ou disfunções que as autoridades soviéticas procuravam

<sup>7</sup> Dan HEALEY, 2001.

<sup>8</sup> Rudi BLEYS, 1995.

<sup>9</sup> HEALEY, 2003.

<sup>10</sup> Barbara KEYS, 2003.

<sup>11</sup> Evelyn MERTIN, 2008.

<sup>12</sup> KEYS, 2003.

<sup>13</sup> Victor MELO, 2010.

<sup>14</sup> Barukh HAZAN, 1982.

retratar como não características da sua sociedade, cujas virtudes se apresentavam nas figuras de seus atletas. Dentro do território da União Soviética, a Rússia deveria se adaptar a uma “geografia da perversão”,<sup>8</sup> de forma que sua missão civilizadora conceberia o “Oriente interno” como um local onde a “modernização” comunista transformaria as práticas dos povos “atrasados” do Cáucaso e da Ásia Central e seu governo controlaria as influências negativas de uma Europa Ocidental considerada “neurastênica” e “depravada”.<sup>9</sup>

A cultura física na União Soviética apontava para a ampliação da produtividade do trabalho, o preparo dos trabalhadores para as atividades de defesa e a difusão dos hábitos de coletivismo, higiene e disciplina.<sup>10</sup> O Exército Vermelho precisava de um grande número de homens jovens fisicamente saudáveis e fortes. Em relação à educação quanto à saúde, à higiene e à nutrição, o governo desenvolvia campanhas voltadas para o apoio à população soviética nas questões cotidianas e na luta contra o alcoolismo e o comportamento “não civilizado”, em especial na população rural.<sup>11</sup> Aos poucos, a posição revolucionária de criação de um sistema independente de esportes cederia espaço a uma competição orientada pela busca de resultados no sistema esportivo capitalista. Diante da decepção com as limitações do movimento esportivo comunista e do fortalecimento do esporte capitalista, o regime soviético passou a perceber que o esporte internacional poderia ser um meio útil de alcançar números maiores de trabalhadores estrangeiros e de impressionar os governos de outros países com a força soviética.<sup>12</sup> Diante do desenvolvimento de novas tecnologias que reforçavam a estruturação e o alcance da cultura de massa,<sup>13</sup> via-se que o esporte na visão da União Soviética não era apenas mais um instrumento de propaganda, mas um meio de abarcar bilhões de pessoas ao redor do planeta, uma audiência cuja perspectiva de absorção estava aberta e cujas defesas contra a propaganda estavam reduzidas. O esporte se mostrava um instrumento capaz de evocar a admiração da audiência pelos vencedores e pelo sistema social que os produziu, promovendo os interesses do regime.<sup>14</sup>

### **A patinação no gelo: a hegemonia das duplas soviéticas**

Embora os Estados Unidos se esforçassem para se manter no topo da patinação artística na modalidade individual para mulheres na década de 1960, os países do bloco comunista vinham ganhando cada vez mais destaque. A patinadora Katarina Witt, da Alemanha Oriental, dominou a competição individual para mulheres, ganhando as medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Inverno de Sarajevo, em 1984, e

<sup>15</sup> Annette SMITH, 2010.

de Calgary, em 1988. Embora a competição individual masculina ainda fosse dominada por atletas norte-americanos, a União Soviética firmava-se como a campeã com as duplas desde o início da década de 1960.<sup>15</sup> Em face das divisões crescentes entre os blocos capitalista e comunista durante a Guerra Fria, os juizes das competições de patinação artística costumavam atribuir notas em blocos: de um lado, a União Soviética, a Alemanha Oriental, a Tchecoslováquia e a Hungria – por vezes, também a Áustria –; do outro, os Estados Unidos, o Canadá, o Japão, o Reino Unido e a Itália. Ainda que houvesse diferenças entre as notas, ambos os lados reconheciam o talento crescente das duplas soviéticas sobre o gelo. Anualmente, os soviéticos realizavam campeonatos nacionais de patinação artística, em que os melhores atletas eram selecionados para representar o país nas competições internacionais. O destaque dos atletas soviéticos na competição de duplas e na dança no gelo era constantemente atribuído à ênfase dada pelo governo às realizações de grupo sobre as conquistas individuais, bem como à tradição russa no balé e na dança.<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Scott HAMILTON, 2010.

Mesmo quando esportistas soviéticos eram reconhecidos pelos seus compatriotas e recebiam privilégios na União Soviética, eles não tinham a fama ou a riqueza que se tornavam comuns nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Meios de comunicação – em particular no Leste Europeu – ressaltavam que as conquistas de atletas soviéticos eram produto do sistema político-econômico, desmerecendo a noção capitalista de que as vitórias refletiam o esforço e a vontade individuais.<sup>17</sup> Tal ênfase nas realizações coletivas não significa que as lideranças da União Soviética não catapultassem valores e ideias de regime em desempenhos individuais dos atletas ou não reconhecessem e fizessem uso político de suas realizações. Porém, ao destacar as realizações de duplas e times inteiros, o governo soviético conseguia diluir mais facilmente o mérito individual de cada atleta em face da realização do conjunto, cujas possibilidades de interação, engajamento e treinamento eram oferecidas pelo Estado. Desde o fim da década de 1940, a prioridade soviética era o engajamento em competições internacionais em esportes com muita popularidade, como aquela que a patinação artística vinha tendo mundialmente com o início das transmissões televisivas das competições. Os efeitos sobre a população seriam maiores, em particular em campeonatos em que o sucesso seria garantido para os atletas soviéticos.

<sup>17</sup> KEYS, 2003.

Ademais, a tradição russa no balé trouxera elementos que foram gradativamente incorporados pelos atletas soviéticos da patinação artística no gelo, em particular as duplas e os atletas da dança no gelo. O balé russo desenvolvera seu estilo desde o século VI até o fim do século XIX a partir de uma

combinação única da rigidez e virtuosidade do estilo italiano e a natureza romântica e etérea do estilo francês, criando maior plasticidade com movimentos amplos e fluidos. Porém, após a fuga de mais de 40% dos profissionais do balé do país depois da Revolução de 1917, iniciou-se um período de experimentação em face do maior isolamento em relação ao Ocidente, o que também permitiu a criação e o treinamento de talentos genuinamente russos, como dançarinos, compositores e coreógrafos. O balé russo gradativamente se separava das influências estrangeiras contemporâneas. Lênin ressaltara que, embora o artista tivesse liberdade criativa, o regime deveria determinar o resultado das artes. Na prática, conduziu-se à ampliação da censura e à limitação da liberdade artística, bem como ao controle dos teatros imperiais – como o Kirov e o Bolshoi – para o Comitê Central de Teatros no fim da década de 1910. Ainda que estivesse mais limitado quanto à liberdade de produção, o balé russo sobreviveu com a maior frequência das camadas populares nos espetáculos. A partir da década de 1930, a fim de ampliar seu apelo para as audiências, os coreógrafos soviéticos começaram a selecionar temas como paixão e amor românticos, mas, ao mesmo tempo, os trabalhos refletiam atitudes nacionalistas, como a crítica ao Ocidente corrupto e imperialista em “A Papoula Vermelha” e o triunfo das massas sobre a aristocracia despótica em “As Chamas de Paris”. Tais balés chamavam a atenção pela incorporação de elementos atléticos de extrema dificuldade, como piruetas e manobras acrobáticas, que davam um perfil mais vigoroso às performances. Isso exigia maior força física do homem para, por exemplo, executar levantamentos difíceis na coreografia. Os países ocidentais, que não estavam habituados a dançarinos homens tão fortes, surpreendiam-se com as características atléticas exigidas pelas coreografias desenvolvidas pelo balé russo.<sup>18</sup> Tais características foram trazidas para a patinação artística no gelo, bem como os usos políticos já identificados no balé. Como aponta Hamm,<sup>19</sup> as conquistas do Bolshoi e do Kirov serviam para demonstrar a superioridade técnica atingida sob o regime político comunista soviético ao restante do mundo e, internamente, inserir a atividade física e cultural num processo civilizatório liderado pela Rússia, a fim de expandir sua cultura às regiões consideradas “atrasadas” na própria União Soviética.

<sup>18</sup> Kathryn Karrh CASHIN, 2005.

<sup>19</sup> Kristen HAMM, 2009.

Com a conjunção desses dois fatores, as duplas da patinação artística no gelo da União Soviética passaram a ganhar cada vez mais destaque internacional, em particular quando os Estados Unidos perderam toda a sua equipe num acidente aéreo de 1961 e precisaram de tempo para recompô-la. A União Soviética já vinha construindo uma tradição sólida de preparação de seus atletas da patinação artística.

Desde 1920, eram realizados os campeonatos nacionais, nos quais a competição de duplas também era realizada. Após a Segunda Guerra Mundial, eles passaram a ser realizados anualmente. Nas competições de duplas, alguns nomes começavam a ganhar destaque, como Tatiana Granatkina e seu marido Alexander Tolmachev, alguns dos fundadores da escola de patinação artística soviética. Granatkina – que chegou à posição de Honrada Mestre de Esportes da União Soviética – começou patinando na competição individual na década de 1930, mas logo passou a competir com o marido nas competições de duplas. Ela se tornou a principal treinadora das patinadoras soviéticas, enquanto Tolmachev liderava a Federação de Patinação Artística de Moscou. A partir de 1946, Granatkina começou a trabalhar como técnica na escola do Estádio de Jovens Pioneiros em Moscou e teve como alunos atletas individuais como Elena Tchaikovskaia e Sergei Chetverukhin e atletas da dança no gelo, como Lyudmila Pakhomova.<sup>20</sup> Além das conquistas individuais, Maya Belenkaya, junto com seu parceiro Igor Moskvín, venceu o campeonato nacional de duplas três vezes – 1952-1954 – e também atuara como treinadora de duplas como Luidmila Smirnova e Andrei Suraikin. Já Moskvín, que recebera o título de Honrado Mestre de Esportes da União Soviética e Honrado Técnico da União Soviética, também atuara como treinador de atletas individuais – como sua esposa Tamara Moskvina – e de duplas, como os campeões europeus de 1987 e 1989, Larisa Selezneva e Oleg Makarov.<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Steve MILTON, 2009.

<sup>21</sup> James R. HINES, 2006; SPORTS REFERENCE [s.d.].

Dentre as duplas soviéticas mais conceituadas mundialmente, cabe destacar os Protopopovs. Oleg Protopopov e sua esposa Ludmila Belousova ganharam duas medalhas de ouro por duplas nos Jogos Olímpicos de Inverno de 1964 e de 1968, bem como quatro Campeonatos Mundiais, de 1965 a 1968. Em 1979, ambos pediram asilo político na Suíça. Durante o campeonato soviético de 1969, eles foram derrotados por uma dupla de destaque: Tamara Moskvina e Alexei Mishin. Mishin notabilizou-se ainda mais como treinador. Ele se graduou em Mecânica e elaborou uma dissertação sobre a base mecânica das técnicas de patinação artística no gelo. Ele começou treinando as mulheres para competições nacionais e internacionais, mas logo depois passou a preparar homens. Seus métodos de treinamento faziam com que os atletas aprendessem saltos mais rapidamente, e seus livros sobre a biomecânica da patinação artística foram publicados não só na União Soviética, mas na Europa, no Japão e na China.<sup>22</sup> Quem também obteve preparação técnica aprimorada foi uma das maiores campeãs da patinação artística e a mais bem-sucedida patinadora do gelo nas duplas da História: a soviética Irina Rodnina, que venceu dez Campeonatos Mundiais consecutivos – de 1969 a 1978 – e

<sup>22</sup> HINES, 2006; MILTON, 2009; SPORTS REFERENCE [s.d.].

três medalhas de ouro olímpicas na competição de duplas entre 1971 e 1980. Graduada pelo Instituto Central de Cultura Física, Rodnina inicialmente compunha a dupla com Alexei Ulanov, com quem iniciou sua carreira. Porém, quando Ulanov se apaixonou por Lyudmila Smirnova e decidiu constituir uma dupla com ela para competições de patinação artística logo após o Campeonato Mundial de 1972, Rodnina se juntou ao patinador Alexander Zaitsev, que, segundo o técnico Stanislav Zhuk, tinha ótima técnica de salto e rapidamente aprendia os movimentos. Rodnina e Zaitsev conquistaram seis títulos mundiais consecutivos e sete medalhas de ouro no Campeonato Europeu e se tornaram campeões olímpicos em 1976 e em 1980, quando se afastaram da competição e se dedicaram à criação de seu filho.<sup>23</sup> Como Rodnina e Zaitsev, muitas duplas soviéticas eram formadas por casais que viviam maritalmente fora das pistas de patinação e que também se tornaram técnicos ou se envolveram em tarefas administrativas do esporte assim que deixaram de competir. Makarov e Selezneva eram casados e tiveram dois filhos, sendo sua filha Ksenia Makarova campeã nacional russa em 2010. Hoje, ambos são treinadores no Ice Time Sports Complex, em Nova York.<sup>24</sup> A ligação matrimonial entre os membros das duplas também ocorria na dança no gelo. Por exemplo, Sergei Ponomarenko e Marina Klimova – vencedores da medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 1988 – casaram-se em 1984 e tiveram dois filhos. Hoje residem nos Estados Unidos, onde treinam jovens patinadores.

<sup>23</sup> C. FARBS, 2007; HINES, 2006; SPORTS REFERENCE [s.d.].

<sup>24</sup> MILTON, 2009; SPORTS REFERENCE [s.d.].

Os atletas da dança no gelo começaram a receber medalhas no campeonato soviético em 1958. Dentre os nomes que mais se destacavam nos primeiros anos da competição, cabe destacar a dupla Lyudmila Pakhomova e Alexander Gorshkov. Pakhomova começou a patinar aos sete anos de idade na Escola de Esportes para Crianças e Juventude e desenvolveu uma forte relação pessoal com Gorshkov. Ambos se casaram em 1970. Logo após, tornaram-se campeões mundiais de 1970 a 1974 e novamente em 1976, ano em que também venceram a primeira medalha olímpica numa competição de dança no gelo. A patinadora Natalia Bestemianova conquistou com seu parceiro Andrei Bukin a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 1988, e a dupla foi quatro vezes campeã do mundo. Em 1984, ela se tornou Honrada Mestre de Esportes da União Soviética, e seu parceiro, que aos sete anos de idade entrou na Escola de Esportes para Crianças e Juventude de Moscou, tornou-se uma das principais referências da dança no gelo soviética.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> MILTON, 2009; SPORTS REFERENCE [s.d.].

Muitos atletas da patinação individual e em duplas da União Soviética passaram por instituições educacionais que começaram a ser desenvolvidas desde o início dos anos 1950, em ligação à construção de um regime mais amplo de

escolas especiais de nível secundário. No caso específico da patinação artística, a construção de escolas preparatórias ganhou força nos anos 1950 e 1960, bem como a construção de pistas de patinação no gelo. Embora a educação física nas escolas soviéticas fosse bastante pobre em relação aos parâmetros de sociedades na Europa Ocidental, por exemplo, a situação era bem distinta no que dizia respeito aos internatos esportivos, às escolas esportivas diárias e aos clubes, e às organizações para atletas mais jovens.<sup>26</sup> Antes daquela década, as escolas especiais destinavam-se predominantemente ao ensino de artes e de línguas estrangeiras e eram supervisionadas por diferentes departamentos governamentais. Depois da expansão do sistema escolar soviético durante a era stalinista, as questões relacionadas à melhoria das oportunidades de ensino para os jovens mais talentosos começaram a despontar.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Norman N. SHNEIDMAN, 1978.

<sup>27</sup> John DUNSTAN, 1978.

<sup>28</sup> HAZAN, 1982.

<sup>29</sup> Stephen C. JEFFERIES, 1984.

<sup>30</sup> Penny GRIFFIN, 2007.

Além de servir internacionalmente como um veículo poderoso para a comunicação dos sucessos do regime comunista,<sup>28</sup> o esporte também permitia orientar o comportamento doméstico. Por meio dos esportes, as autoridades poderiam integrar a população soviética tão diversa, com a organização de competições e campeonatos nacionais, estimular valores, atitudes e comportamentos na população mais jovem, canalizando suas energias para esferas socialmente aprovadas de atividade, e evitar as vicissitudes que pareciam levá-la na direção das práticas consideradas “improdutivas”, características dos jovens capitalistas, como o alcoolismo, o crime e a mobilização política contra o governo.<sup>29</sup> Mais do que a excelência técnica, as lideranças soviéticas compreendiam que bons resultados demonstravam, tanto nacional como internacionalmente, a eficiência do regime comunista no desenvolvimento físico de sua população e também na sua preparação moral, já que tais atletas carregavam consigo valores defendidos pelo Partido Comunista, como a disciplina, o autocontrole, a submissão às autoridades e o patriotismo. Baseando-me em Griffin,<sup>30</sup> argumento que tal política reproduz a prevalência da heterossexualidade compulsória, intimamente ligada às masculinidades hegemônicas na relação entre gênero e sexualidade e permite a manutenção de uma visão da atividade sociopolítica como masculinizada, normalizando-se a heterossexualidade como universalmente estabelecida.

Contudo, em face da associação da patinação artística no gelo à feminilidade ao longo do século XX por conta da delicadeza e da leveza de movimentos dos atletas nas competições, a participação de homens alinhava-os às conotações femininas de atividade e os retirava da posição de masculinidade, sustentada a partir da depreciação de valores femininos. Ademais, a patinação artística não tinha os

<sup>31</sup> Mary Louise ADAMS, 2011; Ellyn KESTNBAUM, 2003.

<sup>32</sup> KESTNBAUM, 2003.

<sup>33</sup> KESTNBAUM, 2003.

<sup>34</sup> ADAMS, 2011.

significantes estruturais de masculinidade que caracterizavam as hierarquias do “esporte masculino”: a violência direta e a luta simbólica contra um oponente.<sup>31</sup> Ela se inseria, assim, numa categoria que Kestnbaum<sup>32</sup> chama de “esporte estético”, em que os aspectos masculinos eram reduzidos em face do nível reduzido de agressão. Como ressalta Kestnbaum,<sup>33</sup> a subjetividade do sistema de pontuação na patinação artística tendia a premiar atletas homens e mulheres a partir da propriedade com que executavam a diferenciação de tarefas respectivas para cada sexo. Em face dos benefícios competitivos e profissionais da performance satisfatória do papel ideal de homem, o patinador recebia incentivos dentro da própria estrutura da patinação artística para que executasse uma masculinidade crível sobre o gelo. Baseando-me em Adams,<sup>34</sup> argumento que, no caso soviético, os atletas começaram a usar uma série de estratégias a fim de se retratarem como legitimamente masculinos durante suas performances. Movimentos mais rápidos e firmes e figurinos mais discretos ajudavam a compor tal personagem. Assim, o patinador ressaltava sua masculinidade não somente no contexto das convenções da comunidade de patinação artística, mas também de acordo com as normas da cultura, em particular no caso soviético. No que dizia respeito especificamente às duplas, mais do que reforçar os valores nacionalistas e demonstrar a superioridade técnica, havia também a proposta do governo soviético de investir na imagem de tais pares como exemplos da constituição de uma “heterossexualidade naturalizada” na sociedade soviética, em que se evidenciavam a força do homem e a beleza da mulher e se articulava a submissão dela a ele.

### **A dinâmica das relações entre membros de duplas na patinação artística soviética**

<sup>35</sup> KESTNBAUM, 2003.

Kestnbaum<sup>35</sup> argumenta que os movimentos da patinação de duplas não precisariam ser necessariamente executados por sexos opostos, tanto que muitos conceitos originais da patinação combinada foram desenvolvidos por homens adultos ao longo do século XIX. Porém, quando as mulheres começaram a participar das competições de patinação artística no gelo no início do século XX, a disputa por duplas era uma boa oportunidade para que patinadores que eram casados pudessem desenvolver rotinas juntos. Para as mulheres, aquela seria uma forma de tentar mostrar paridade com os homens ao executar movimentos semelhantes aos deles. Assim, quando a patinação de duplas se tornou uma modalidade competitiva internacional, ela já se colocava como um esporte a ser executado por um homem e uma mulher, bem como a dança no gelo. Com a ampliação do preparo

físico dos atletas, a patinação de duplas começou a incorporar elementos mais atléticos e acrobáticos, como saltos e piruetas – que já eram executados na patinação individual – e outras modalidades de movimentos, como levantamentos e lançamentos.<sup>36</sup>

<sup>36</sup> KESTNBAUM, 2003.

Os movimentos acrobáticos começaram a combinar a maior força física dos atletas masculinos com a flexibilidade das mulheres na execução dos movimentos. Por conta das exigências de execução de movimentos complexos nos programas longo e curto, os patinadores homens devem ser preferencialmente fortes e grandes, e as mulheres, magras, pequenas e flexíveis. Assim, as diferenças em termos dos tipos de corpos exigidos pelas convenções da atividade passaram a ser reconhecidas por treinadores como a composição ideal de duplas ao redor do mundo. A União Soviética foi um dos países que mais adotou o modelo de dupla conhecido como “o gorila e a pulga” ou a dupla “um-e-meio” ao longo das décadas de 1970 e 1980. Esses pares eram em geral compostos por um homem adulto, forte e jovem e uma adolescente magra, pequena e flexível. Conforme a patinação de duplas competitiva se disseminava, mais movimentos complexos eram exigidos, e a necessidade de executá-los bem, a fim de se obterem notas mais altas dos juizes, tornava a composição das duplas cada vez mais próxima do modelo aplicado pelos soviéticos.<sup>37</sup>

<sup>37</sup> KESTNBAUM, 2003.

A seleção dos perfis dos corpos masculino e feminino nas competições de patinação artística no gelo e a necessidade de executar movimentos de elevado nível de dificuldade limitaram as opções temáticas para as duplas, de forma que as relações interpessoais na realização de coreografias e na interação física entre os dois atletas foram circunscritas. A ênfase na unidade em movimentos idênticos paralelos sugere maior equilíbrio, e a unidade construída sob a noção de “dois patinando como um” pode ser interpretada como uma metáfora de um homem e uma mulher “tornando-se um” a partir do casamento e da construção de uma imaginário romântico na performance, como grande parte das coreografias desenvolvidas pelos treinadores soviéticos e executadas pelos seus patinadores parecia sugerir. Como Oleg Protopopov afirmou: “essas duplas de irmãos, como elas podem transmitir a emoção, o amor que existe entre um homem e uma mulher?”. Embora a coreografia de algumas duplas ainda destacasse a agência feminina na execução de movimentos complexos, a impressão de uma “beleza sem esforço” em posições extremas em alguns movimentos remove a mulher semioticamente da condição humana, sugerindo sua posição como um objeto inanimado sujeito à manipulação pelo seu parceiro. O discurso do treinamento que enfatiza a responsabilidade do homem pelo sucesso dos movimentos – em parti-

<sup>38</sup> KESTNBAUM, 2003.

cular a garantia da segurança da mulher submetida a condições arriscadas – ressalta a agência masculina na função de proteção da vulnerabilidade feminina. Como no balé ou na dança de salão, há, tanto na patinação de duplas como na dança no gelo, uma divisão sexual do trabalho, na qual a mulher recebe mais atenção, enquanto cabe ao homem a função de se retirar da atenção visual e a desviar para a sua parceira. Nessa tradição, seria “indelicado” ou uma demonstração de “pouco cavalheirismo” para o homem desviar a atenção para ele próprio. Enquanto a mulher é o centro da atenção, cabe a ele o poder de dirigir a atenção da audiência. Se por um lado a mulher é situada numa posição de centralidade, isso reforça a visão de que as mulheres devam ser “olhadas” e adquirem seu sentido social a partir do visual e da aparência, em contraste com o sentido masculino, que advém de suas ações.<sup>38</sup>

As competições de dança no gelo tendem a reproduzir os sentidos sociais observados nas danças sociais que lhe deram origem, como a valsa ou a dança de salão, e desenvolver narrativas voltadas para um estado afetivo específico sugerido pelo ritmo. As danças contêm referências claras ao cortejo da mulher pelo homem, bem como outras formas de comportamento heterossexual. A liberdade elegante de movimento e associação entre homem e mulher que era experimentada na valsa no fim do século XIX era um elemento que os primeiros dançarinos no gelo procuravam reproduzir, inclusive os soviéticos. Ao passo que tais danças limitavam o contato físico entre pessoas do mesmo sexo, o casal continuava expressando o sentido de unidade entre homem e mulher. Nas danças obrigatórias, os passos específicos para homens e mulheres demonstram a dinâmica da interação: a maior parte dos passos desenvolvidos pelas mulheres são movimentos para trás, enquanto o homem, responsável por iniciar a dança, move-se para frente. O mesmo padrão da dança de salão se observa no gelo, em que o homem deve conduzir a dança. A oferta de passos mais difíceis às mulheres reforça a posição fisicamente vulnerável e dependente do apoio físico de seu parceiro, o que cristaliza, por consequência, as estruturas sociopolíticas prevalecentes de heterossexualidade nas relações entre corpos no salão e no gelo. Os estilos tradicionais de música circunscrevem as relações entre os parceiros, induzindo, tal qual na dança de salão, à definição de papéis em que se reconstroem e se reiteram rituais e cortejo nos quais o corpo feminino é idealizado. A imagem projetada pela mulher é etérea e sedutora e transformada num ícone virtual do feminino. Os esforços teatralizados de conquistar a mulher elevam o homem a uma posição de “homem idealizado”, que, ao final, faz com que a mulher se submeta ao seu desejo.<sup>39</sup>

<sup>39</sup> KESTNBAUM, 2003.

O que conta para a impressão artística na avaliação dos jurados não é necessariamente a relação entre os patinadores fora da pista – ou seja, se namoram ou são casados, se são homossexuais ou se sua relação é baseada apenas em motivos profissionais –, mas sim a construção de imagens e discursos a partir do figurino, da qualidade dos movimentos e da interação física entre os atletas. Nesse sentido, as convenções estabelecidas na própria área de dança no gelo codificam os participantes em papéis convencionalmente masculinos e femininos e cristaliza a relação entre eles como heterossexual. Os atletas soviéticos reificavam essa representação nas suas rotinas livres ao longo da década de 1970. Eles foram pioneiros na inserção de qualidades dramáticas sobre o gelo, coreografando programas em torno de um único tema e incorporando elementos do balé e do treinamento teatral nas suas performances. A inspiração vinha do *pas de deux* clássico do balé, em que o homem e a mulher dançam juntos. A tradição do balé apresenta a mulher de forma etérea, inatingível enquanto objeto do desejo do herói, do homem que se esforça para cortejá-la e satisfazer seu desejo.<sup>40</sup> Como apontam Hutcheon e Hutcheon,<sup>41</sup> o balé clássico possibilitou o desenvolvimento da “erótica do olhar” por meio da exposição e da performance pública do corpo dançante da mulher. Nessa perspectiva aplicada à dança no gelo, de acordo com Kestnbaum,<sup>42</sup> mesmo quando criavam movimentos originais, os atletas continuavam a fortalecer imagens da força masculina em contraste com a flexibilidade e a admiração dos atributos estritamente físicos da mulher, que patina para frente quando o homem segue na mesma direção e para trás quando ambos estão frente a frente. O homem mantém o controle físico sobre suas posições e movimentos e apresenta a parceira para a audiência como um objeto estético.<sup>43</sup>

A patinação artística de duplas e a dança no gelo abriam espaço, assim, para a criação de um aparato que reifica uma ordem social patriarcal e heteronormativa – mesmo que, fora das pistas, os atletas não vivessem esse modelo – e reitera a submissão da mulher em relação ao homem. É evidente que a possibilidade de criação de uma noção política de heteronormatividade não se abria exclusivamente no caso da União Soviética, mas de todas as equipes dos demais Estados. Entretanto, como os desempenhos soviéticos na patinação artística de duplas e na dança no gelo eram os mais notáveis dentre os Estados competidores, e o governo do país demonstrava sua clara intenção de utilizar o esporte para promover, nacional e internacionalmente, valores e princípios, a possibilidade de difusão de um ideal heteronormativo que permeava crenças e imagens carregadas por seus atletas era muito maior. Entre os exemplos que ilustram a instrumentalização desse ideal, cabe citar a honraria de determinados

<sup>40</sup> KESTNBAUM, 2003.

<sup>41</sup> Linda HUTCHEON e Michael HUTCHEON, 2003.

<sup>42</sup> KESTNBAUM, 2003.

<sup>43</sup> KESTNBAUM, 2003.

atletas das duplas bem sucedidas nas competições internacionais. A imagem de Irina Rodnina – a principal campeã soviética na patinação artística – foi uma das mais exploradas pelo governo e pela imprensa. Rodnina recebeu a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho em 1972 e a Ordem de Lênin em 1976, após sua vitória com Alexander Zaitsev nos Jogos Olímpicos de 1976 em Innsbruck. Em 1988, seu nome foi introduzido no Hall da Fama Internacional das Mulheres Esportistas e, em 1989, no Hall da Fama da Patinação Artística Mundial. Tais condecorações e eventos internacionais foram amplamente divulgados pelo governo soviético e por jornais de grande circulação no país, como o *Sovetskii Sport*. Em 1971, ela foi escolhida pela Federação de Jornalistas Esportivos da União Soviética como uma das principais atletas do ano na sua parceria com Alexei Ulanov. Em 1973, a mesma federação a escolheu como atleta do ano. Quando ela caiu durante um treinamento pouco antes do Campeonato Mundial de 1972, patinou semiconsciente com Ulanov mesmo com uma concussão e um hematoma intracranial durante a competição e venceu a medalha de ouro, a imprensa oficial soviética a saudou pela sua coragem. Até mesmo documentários foram produzidos na televisão sobre a vida da atleta, e livros foram escritos sobre ela. Tais produções retratavam Rodnina como detentora de um dom natural, mas aprimorado a partir do trabalho árduo e muito treinamento oferecido pelo governo soviético. Ela representava a força da mulher soviética, mas, ao mesmo tempo, os padrões de disciplina e de obediência ao homem na realização da atividade. As imagens articuladas em torno da imagem da atleta transcendiam seu desempenho na pista de patinação e incorporavam aspectos de sua vida pessoal. Quando ela se casou com Zaitsev e teve um filho com ele em 1979, a imprensa soviética procurava retratá-la como mãe ideal e esposa dedicada na sua vida cotidiana no centro de Moscou – onde ela e Zaitsev moravam num apartamento de dois quartos, um privilégio para um casal tão jovem. Além de se dedicar à família, Rodnina mantinha uma rotina rigorosa de treinos, que lhe permitira vencer mais uma medalha de ouro olímpica em 1980. Padrões semelhantes de glorificação da relação heterossexual entre atletas da patinação artística no gelo eram facilitados pelo fato de muitos serem casados e manterem também a relação profissional, na qual expressavam o perfil de interação ideal entre homem e mulher que supostamente viveriam fora das pistas, de acordo com a imagem que o governo e a imprensa soviética desenvolviam em torno deles.

### Considerações finais

As limitações dos ideais e dos valores que a União Soviética pretendia difundir eram evidentes. Os próprios atletas

da patinação artística que carregavam as noções patriarcais e heteronormativas viviam as contradições dessa ordem em suas vidas cotidianas. Conforme a União Soviética se aproximava do fim, diversos atletas assumiram a homossexualidade, e casais da patinação artística se separaram, rompendo a noção ideal de família heterossexual defendida pelos meios oficiais. Rodnina, por exemplo, separou-se de Zaitsev. Gradativamente, a própria lógica autoritária que orientava a organização social e política na União Soviética vinha à tona e era pesadamente criticada, inclusive pelos próprios atletas soviéticos. Depois de pedirem asilo político na Suíça, Oleg Protopopov e Ludmila Belousova revelaram a dinâmica opressora à qual os atletas eram submetidos, bem como os artistas. Disse Protopopov em entrevista ao *Sovetskii Sport* em 2007:

Chegou a um ponto em que nos sentíamos numa prisão [...]. Antes, nós tentamos aderir ao Partido Comunista para ter alguma proteção. Claro que foi algo calculado de nossa parte. Mas o que nos restava fazer? Eu já estava com 47 anos, eles poderiam me aposentar a qualquer momento, como fizeram com [o bailarino] Volodya Vasiliev. Eles o chutaram para fora do teatro Bolshoi e nem se envergonharam disso. Eles fariam o mesmo conosco.

Duas décadas depois do fim da União Soviética, o desempenho dos seus atletas da patinação artística ainda causa fascínio nas audiências de todo o mundo em vídeos de suas apresentações disponibilizados na internet, e as técnicas soviéticas ainda servem de referência para o treinamento de diversas duplas e atletas da dança no gelo na atualidade. Porém, a beleza das coreografias não deve nos fazer perder de vista que tal performance construía um ideal heteronormativo na interação entre homem e mulher, além de funcionar como um veículo poderoso para a comunicação dos sucessos do regime comunista na preparação e na formação técnica de sua população, e na regulação do comportamento desta. No processo de construção da integridade e da coesão da sociedade soviética, o viés político heteronormativo desenvolvido pelo aparato da patinação artística de duplas e pela dança no gelo naturalizava as hierarquias que posicionavam as mulheres num locus de submissão e dependência em relação aos homens e cristalizava o papel de cada sexo na organização da vida social, enquadrando os indivíduos em normas integralmente masculinas ou femininas e não deixando espaço para a expressão de orientações sexuais alternativas. A performance das duplas soviéticas coreografava simultaneamente hierarquias e aparatos de exclusão na estrutura social soviética e contribuía para a comunicação do sucesso do governo na produção de talentos

e na construção da imagem da União Soviética como potência esportiva mundial.

## Referências

- ADAMS, Mary Louise. *Artistic Impressions: Figure Skating, Masculinity, and the Limits of Sport*. Toronto: University of Toronto Press, Scholarly Publishing Division, 2011.
- BLEIKER, Roland. *Aesthetics and World Politics*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009.
- BLEYS, Rudi C. *The geography of perversion: male-to-male behavior outside the West and the ethnographic imagination, 1750-1918*. Nova York: NYU Press, 1995.
- BOOTH, Douglas. Comparison: expanding the evidence. In: \_\_\_\_\_. *The field: truth and fiction in sport history*. Nova York: Routledge, 2005. p. 127-142.
- CASHIN, Kathryn Karrh. "Pushkin, Soviet Ballet, and Afterwards." In: \_\_\_\_\_. *Alexander Pushkin's influence on the development of Russian ballet*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa Interdisciplinar em Humanidades. Florida State University, 2005, p. 124-176.
- DUNSTAN, John. *Paths to Excellence and the Soviet School*. Windsor: NFER, 1978.
- FARBS, C. *Olympic Ice Skating*. Nova York: The Rosen Publishing Group, Inc., 2007.
- GILMOUR, Julie; CLEMENTS, Barbara Evans. "If You Want to Be Like Me, Train!: the Contradictions of Soviet Masculinity." In: CLEMENTS, Barbara Evans; FRIEDMAN, Rebecca; HEALEY, Dan (Ed.). *Russian masculinities in history and culture*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave, 2002, p. 210-222.
- GRIFFIN, Penny. "Sexing the Economy in a Neo-liberal World Order: Neo-liberal Discourse and the (Re)Production of Heteronormative Heterosexuality." *British Journal of Politics & International Relations*, v. 9, n. 2, p. 220-238, 2007.
- HAMILTON, Scott. Figure Skating. *Encyclopaedia Britannica Online*, 2010. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/206646/figure-skating>>. Acesso em: 4 abr. 2011.
- HAMM, Kristen. *The friendship of peoples: Soviet ballet, nationalities policy, and the artistic media, 1953-1968*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos sobre Rússia, Leste Europeu e Eurásia) – Estudos sobre Rússia, Leste Europeu e Eurásia. Graduate College of the University of Illinois University of Illinois. Urbana, Illinois.
- HAZAN, Barukh. *Olympic sports and propaganda games. Moscow 1980*. New Brunswick, NJ: Transaction Books, 1982.
- HEALEY, Dan. *Homosexual desire in revolutionary Russia: the regulation of sexual and gender dissent*. Chicago, Londres: University of Chicago Press, 2001.

- \_\_\_\_\_. "What can we learn from the history of homosexuality in Russia?" *History Compass*, v.1, p. 1-6, 2003.
- HINES, James R. *Figure skating: a history*. Champaign, IL: University of Illinois Press, 2006.
- HISTORY OF ICE SKATING. *History of Ice Skating website*. 2006. Disponível em: < <http://www.skatingfitness.com/IceSkating-History-of-Ice-Skating.htm> >. Acesso em: 4 abr. 2011.
- HUTCHEON, Linda; HUTCHEON, Michael. "O corpo perigoso". *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, jun. 2003. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2003000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100003&lng=en&nrm=iso) >. Acesso em: 4 abr. 2011.
- JACKSON, Steven J.; HAIGH, Stephen. "Between and beyond politics: Sport and foreign policy in a globalizing world." *Sport in Society*, v. 11, n. 4, p. 349-358, jul. 2008.
- JEFFERIES, Stephen C. "Sport and education: theory and practice in the USSR." *Quest*, v. 36, p.164-176, 1984.
- KESTNBAUM, Elyn. *Culture on Ice: Figure Skating & Cultural Meaning*. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2003.
- KEYS, Barbara. "Soviet sport and transnational mass culture in the 1930s." *Journal of Contemporary History*, v. 38, n. 3, p. 413-434, 2003.
- MELO, Victor Andrade de. "Por uma História do conceito de esporte". In: \_\_\_\_\_. *Esporte e lazer: conceitos*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 63-113.
- MERTIN, Evelyn. "Ethnic minorities and national identity in Soviet sport." *Studies in Physical Culture and Tourism*, v. 15, n. 3, p. 165-170, 2008.
- METSÄ-TOKILA, Timo. "Combining competitive sports and education: how top-level sport became part of the school system in the Soviet Union, Sweden and Finland." *European Physical Education Review*, v. 8, n. 3, p. 196-206, 2002.
- MILTON, Steve. *Figure Skating's Greatest Stars*. Toronto: Firefly Books, 2009.
- NICHOLS, Nikki. *Frozen in Time: The Enduring Legacy of the 1961 U.S. Figure Skating Team*. Cincinnati: Emmis Books, 2005.
- RIBEIRO, Claudia Regina; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. "O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes". *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 1, abr. 2007. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2007000100013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2007000100013&script=sci_arttext) >. Acesso em: 4 abr. 2011.
- SHAPIRO, Michael. *Methods and nations: cultural governance and the indigenous subject*. Nova York: Routledge, 2004.
- SHNEIDMAN, Norman N. *The Soviet road to Olympus: theory and practice of Soviet physical culture and sport*. Toronto: The Ontario Institute for Studies in Education, 1978.

- SMITH, Annette. *Figure Skating History*, 2010. Disponível em: <<http://www.mademan.com/mm/figure-skating-history.html>>. Acesso em: 4 abr. 2011.
- SPORTS REFERENCE. Olympic Athlete Directory. *Olympic Sports*. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.sports-reference.com/olympics/athletes/>>. Acesso em: 4 abr. 2011.
- WALKER, R. B. J. The doubled outsides of the Modern International. *5th International Conference on Diversity in Organizations, Communities and Nations*. C.a.N. Fifth International Conference on Diversity in Organizations. Beijing, 2005.
- WEBER, Cynthia. *Simulating Sovereignty: Intervention, the state and symbolic exchange*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- ZAJDA, Joseph. *Education in the USSR*. Oxford: Pergamon Press, 1980.

[Recebido em 5 de abril de 2011,  
reapresentado em 22 de agosto de 2012  
e aceito para publicação em 16 de outubro de 2012]

***Requiem for Two Ice Birds: the Choreography of Exclusion in Soviet Figure Skating and the Construction of the World Sports' Great Power***

**Abstract:** *The objective is to examine the factors responsible for the construction of the hegemony of Soviet pair figure skating athletes and ice dancing competitions at major international events since the sixties and its effects on the image of the Soviet Union as a world sports' power. The use of the performance of figure skating pairs in competitions was a powerful vehicle for international communication of successes of the communist regime in technical preparation of its population. The discourse created around the figure skating pairs and ice dancers in the Soviet Union was imbued with a heteronormative political bias, which naturalized hierarchies in which women were situated in a position of dependence on men and contributed to the exclusion of socio-cultural practices and policies that pointed to the questioning of the patriarchal order built by the communist regime.*

**Key Words:** *Sport; International Relations; Figure Skating; Soviet Union; Heteronormativity.*